

# XVII. O DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS

Uma vez que o demônio pode se "pintar de branco" e se passar por um anjo, como vamos distinguir os bons dos maus espíritos, as boas das más influências? Fazer essa distinção é realizar o que se chama o discernimento dos espíritos.

A capacidade de discernimento dos espíritos não é natural para nós. No entanto, o homem pode possuí-la excepcionalmente como um dom da graça. Então, ela constitui o discernimento infuso, que é um carisma. Essa capacidade é comparável, em seu mecanismo, ao instinto dos pássaros migratórios que se orientam sem referências. A alma agraciada com o discernimento infuso pode, na ausência de qualquer sintoma visível, farejar as trevas mesmo quando estão cobertas por um disfarce de luz.

Mas então, qual será o recurso da grande maioria dos homens que não são agraciados com esse carisma? Os Mestres da vida espiritual reuniram o que se chama as "regras do discernimento dos espíritos".

As regras de discernimento dos espíritos foram refinadas desde a época do Antigo Testamento até os nossos dias. Esse refinamento prova que os demônios estão cada vez mais intimamente misturados aos homens, seja pelo aumento do número daqueles que assombam a terra, seja porque eles acentuam sua sutileza e aperfeiçoam sua arte de penetrar em nossos espíritos. O Cardeal Pierre d'Ailly, já no início do século XV, em seu extenso tratado das Falsas Profecias, observava que "o mundo está em declínio, o Anticristo se aproxima e as imaginações doentias, as ilusões perigosas proliferam".

Sob o domínio da Antiga Lei, a regra de discernimento dos espíritos era simples e rústica porque era suficiente: os bons espíritos levam a obedecer a Deus e os maus a desobedecê-lo. E referia-se à regra do Gênesis:

“ *"Porque comeste da árvore da qual Eu te ordenei que não comesses"* (Gên. III, 17).

A serpente, espírito maligno, havia instigado a desobediência à Lei. Tal era o critério simples e saudável.

Após a Vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, os demônios vão aperfeiçoar sua arte; também será necessário aperfeiçoar a análise. São Paulo enumera os diversos elementos do diagnóstico das

boas e más influências espirituais. Os maus espíritos utilizam os caminhos da carne:

“*Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, inimizades, brigas, ciúme, iras, rivalidades, dissensões, facções, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas*” (Gál. V, 19-21).

Estas são as obras da carne às quais os demônios se esforçam para empurrar o homem. Eis agora como se reconhecem as influências divinas, que São Paulo também chama de "obras do Espírito":

“*Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio... E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências*” (Gál. V, 22-24).

Como se vê, São Paulo enuncia regras de discernimento baseadas em critérios morais. São João fornece critérios doutrinários:

“*Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não é de Deus; este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que havia de vir*” (I João IV, 2-3).

A partir de então, os dois critérios apostólicos, de São Paulo e de São João, só precisarão ser desenvolvidos pelos mestres da vida espiritual.

Este desenvolvimento começa no período patrístico. Orígenes faz o seguinte raciocínio: Satanás aproveita-se dos primeiros movimentos suscitados em nós por nossa natureza pecaminosa. Ele primeiro deixa esses movimentos operarem em nós e por nós, e assim encontra neles uma desculpa e um direito de nos tentar e nos empurrar mais adiante no caminho que nós mesmos escolhemos; ele encontra ao mesmo tempo um meio de dissimular sua influência; acreditamos assim continuar por nós mesmos o que começamos sozinhos.

Os Padres também constatarem os efeitos psicológicos do bom e do mau espírito: o bom espírito gera paz e humildade; o mau espírito gera tristeza, perturbação, indecisão e preguiça.

São Tomás de Aquino trata metodicamente da questão do discernimento dos espíritos. Ele se dedica a distinguir o que, em nossa vida interior, diz respeito à nossa liberdade e o que diz respeito à influência de Satanás, que age principalmente utilizando nossos sentidos e nossa imaginação. Ele também enumera algumas regras para diferenciar os verdadeiros e os falsos profetas. Os verdadeiros, acima de tudo, não se atribuem sua missão; eles a recebem de Deus. Os falsos

profetas se atribuem seu próprio mandato, eles têm horror ao santo Nome de Jesus, eles incitam primeiro ao bem e depois rapidamente desviam para o mal.

O autor anônimo de "A Imitação" faz recair o discernimento dos espíritos sobre a distinção entre a natureza e a graça. A natureza busca a si mesma, ela quer perdurar, ela hipertrofia o ego, ela não traz senão consolações exteriores. A graça age para Deus, que é seu fim, ela modifica o ego, ela traz consolações espirituais e interiores. Mas "A Imitação" não esquece o demônio: ele vem conosco com as coisas da natureza, ele as acompanha.

São Inácio de Loyola é um dos últimos a vir como doutor do discernimento. Ele expressou suas regras em seu livro de Exercícios. A grande difusão desses "Exercícios" tornou suas regras clássicas. São Inácio distingue primeiro a "vida purgativa" e a "vida iluminativa". Ele dedica a primeira semana dos exercícios ao estudo da vida purgativa e enumera catorze regras "para discernir os movimentos que os diferentes espíritos excitam na alma, a fim de agradar os bons e repelir os maus". A segunda semana trata da vida iluminativa e é concluída por oito outras regras "para melhor discernir os espíritos".

Qual é essencialmente o critério ignaciano do discernimento dos espíritos? Os maus espíritos produzem na alma estados de desolação: eles criam tristeza, desespero, perda de confiança em Deus; não se deve tomar decisões quando se está nesses períodos de desolação, pois nada de bom se faz sob a influência dos demônios. Ao contrário, os bons espíritos produzem na alma estados de consolação, que incluem alegria espiritual e calma interior, misturados com lágrimas de arrependimento.

No entanto, São Inácio conhece as falsas desolações que não são outras que esses estados de *secura* tão bem descritos por São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila. Essas "falsas desolações" vêm de Deus para a purificação da alma. Ele também conhece os estados de falsas consolações que vêm do demônio e que consistem em um contentamento consigo mesmo e um sentimento de complacência.

É fácil constatar que as regras ignacianas de discernimento dos espíritos têm principalmente como campo de aplicação o trabalho de introspecção pessoal. Elas são eminentemente subjetivas.

Pode-se aplicá-las quando se trata de discernir de que espírito pertencem obras doutrinárias? Podem elas ajudar a reconhecer se tal produção intelectual vem do Céu ou, ao contrário, sai do poço do abismo? Nesse caso, elas são insuficientes, e é apenas a análise objetiva das doutrinas expostas que pode revelar o espírito.

No entanto, pode-se aplicar as regras ignacianas à impressão interior, de ansiedade ou de calma, que as obras de doutrina produzem no espírito dos leitores. Elas servem então para confirmar os resultados da análise objetiva. Mas com a condição de que a experiência seja continuada por um período suficientemente longo, isso para eliminar os fenômenos de euforia passageira. As obras de falsa mística, em particular, podem gerar uma piedade intensa mas efêmera.